

ATOS APÓCRIFOS DE
PEDRO



Coleção **APOCRYPHA**

- *Apocalipse siríaco de Daniel (O)*, Marcus Vinicius Ramos
- *Atos apócrifos de Pedro*

ATOS APÓCRIFOS DE PEDRO

INTRODUÇÃO E TRADUÇÃO DE
VALTAIR AFONSO MIRANDA



PAULUS

Tradução
Valtair Afonso Miranda

Direção editorial
Claudio Avelino dos Santos

Coordenação de revisão
Tiago José Risi Leme

Capa
Elisa Zuigeber

Editoração, impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Atos apócrifos de Pedro / introdução e tradução de Valtair Afonso Miranda. - São Paulo: Paulus, 2018. - Coleção Apocrypha

ISBN 978-85-349-4871-5

1. Livros apócrifos 2. Pedro, Apóstolo, Santo - Atos I. Miranda, Valtair Afonso II. Série

18-2098

CDD 229.925
CDU 229.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Atos apócrifos dos apóstolos



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro
Televenda: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª edição, 2019

© PAULUS – 2019

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4871-5

I. Aspectos introdutórios

1.1 APRESENTAÇÃO DA OBRA

O que se entende, atualmente, por *Atos Apócrifos de Pedro* (AAP) é uma obra restaurada. Não possuímos seu manuscrito original, ou mesmo uma cópia completa do que ele teria sido. Em casos como este, os estudiosos procuram reconstruir o texto antigo por meio de versões ou fragmentos que sobreviveram em contextos literários diferentes, em traduções, ou em resumos dos Pais da Igreja. A edição crítica, aqui adotada para efeito de tradução¹ para o português, foi feita pelos estudiosos Antonio Piñero e Gonzalo Del Cerro. O primeiro é

¹ PIÑERO, Antonio; DEL CERRO, Gonzalo (orgs.). *Hechos apócrifos de los Apóstolos I*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2012, p. 540-673.



professor de Filologia Grega na Universidade Complutense de Madri; o segundo ministra Filologia Clássica e Sagrada Escritura na Universidade de Málaga. Esses autores reconstruíram os AAP a partir dos seguintes elementos:²

- Um fragmento copta que narra um incidente entre a filha de Pedro e o jovem rico Ptolomeu;
- O episódio da filha do jardineiro, conservado na Epístola de Pseudo-Tito;
- Um comentário breve de Pedro diante da morte de uma jovem, encontrado numa edição de antigos fragmentos apócrifos do século II;
- Vários episódios que apresentam o confronto entre Pedro e Simão, reconstituídos a partir de uma versão latina conhecida como *Actus Vercellenses*.
- O martírio de Pedro, encontrado em pelo menos dois antigos manuscritos gregos, além de diversas outras versões e traduções.

O original grego deveria se chamar, provavelmente, *Atos do Apóstolo Pedro (Praxeis Petrou Apostolou)*. Desde que apareceu, tornou-se uma obra de grande estima entre as comunidades cristãs da Antiguidade, principalmente num estágio anterior à consolidação do cânon cristão, no final do século IV. A história de sua transmissão textual indica que algumas comunidades tinham usos do

² *Ibid.*, p. 486-487.

documento que envolviam apenas uma de suas partes, geralmente as partes que mais chamavam a atenção do grupo. De longe, o final dos AAP, que descreve o martírio, foi a seção mais usada, fazendo com que acabasse destacada do restante do texto e corresse de forma independente. O mesmo aconteceu com outras seções. Isso fez com que diversas versões do documento, de tamanhos diferentes, corresse entre as comunidades.

Possivelmente, também, os episódios que atualmente podem ser reconstruídos não constituem a extensão dos AAP originais. Muito provavelmente, eles deveriam ser de volume ainda maior, com histórias construídas em torno de dois panos de fundo geográficos: Jerusalém e Roma. O vínculo entre as duas cidades foi construído pelo autor por meio da tradição da missão paulina na Espanha. Assim, ele desenvolveu seu enredo, composto de vários atos milagrosos, recheados de pequenos discursos de Pedro em Jerusalém, que culminam com um primeiro confronto com o mago Simão. Este, derrotado, foge para Roma, no momento em que Paulo acabara de deixar a cidade. Em função disso, Pedro é convocado para ajudar os irmãos da capital, agora órfãos do apóstolo de Tarso. Em Roma, repetem-se os milagres, os discursos e os confrontos entre Pedro e Simão. Após a derrota definitiva do mago, o autor original se dedicou a compor o quadro do martírio de Pedro, que culmina na memorável cena da crucificação de cabeça para baixo.



Apesar da popularidade inicial, a obra não ganhou *status* canônico e terminou sendo rejeitada pelas comunidades que acabariam constituindo a ortodoxia cristã. Seu uso intenso por grupos cismáticos pode ser um dos fatores que promoveu seu abandono pelas comunidades majoritárias. Como resultado, os AAP acabaram sendo declarados apócrifos e heréticos no decorrer da história das Igrejas cristãs.

1.2 QUANDO FOI ESCRITA

Eusébio de Cesareia (*História Eclesiástica* III, 1, 2), no início do século IV, faz referência ao recurso feito por Orígenes de Alexandria aos AAP no seu *Comentário ao Gênesis*. Isso indica que, em meados de 231 d.C., ano da obra de Orígenes, os AAP já estavam difundidos no Norte da África.

O poeta cristão Comodiano, em torno de 250 d.C., na sua obra *Carmem Apologeticum*, faz referência aos *Atos de Pedro*. O mesmo poderia ser dito a respeito do documento anônimo conhecido como *Didascalia*, da metade do século III. Isso indica que, por esse período, os AAP já eram bem conhecidos das Igrejas de fala latina.

Os editores da versão aqui usada argumentam em prol de uma dependência literária entre os AAP e os *Atos Apócrifos de Paulo*, estes com a datação um pouco mais segura, em função da referência que a eles fez o teólogo Tertuliano de Cartago. Por meio dessa referência, eles situam a produção dos *Atos de Pedro* para algum mo-

mento próximo e anterior ao ano 170 d.C.³ O local de composição, provavelmente, foi a Ásia Menor, em função principalmente dessa relação literária entre os Atos de Pedro e os de Paulo. Jan Bremmer precisa ainda mais o local de origem, sugerindo que os AAP estão vinculados à província da Bitínia.⁴

1.3 QUEM ESCREVEU

Não há qualquer indicação de quem tenha sido o autor de AAP. É bem provável que este caráter pseudônimo fizesse parte do próprio gênero literário, já que o mesmo pode ser dito dos outros grandes *Atos Apócrifos* (*Atos Apócrifos de André*, *Atos Apócrifos de Paulo*, *Atos Apócrifos de João e Atos Apócrifos de Tomé*), ou de textos bem parecidos com eles, normalmente chamados de “novelas gregas”. Mesmo assim, apesar da dificuldade de reconstruir dados concretos do autor, é possível fazer algumas observações sobre o seu perfil social e religioso a partir de indícios literários no interior da obra.

O autor não parece falar para uma parte ou grupo menor dentro da Igreja, ou seja, seu texto não apresenta caráter cismático. Os AAP precisam ser vistos como parte da pluralidade cristã popular do final do século II, sem re-

³ *Ibid.*, p. 519.

⁴ BREMMER, Jan N. “The Apocryphal Acts: Authors, place, time and readership.” In: BREMMER, Jan N. (ed.). *The Apocryphal Acts of Thomas*. Leuven: Peeters Publishers, 2001, p. 159.





presentar qualquer tendência teológica determinada que os pudesse definir como exclusivos ou sectários, numa fase anterior à consolidação de uma ortodoxia cristã. Há elementos de uma baixa cristologia, em alguns momentos docetista, mas nada coerente o suficiente para que ele seja classificado como tal.

Seu uso dos textos sagrados do Antigo Testamento e mesmo de outras obras do Novo Testamento corresponde ao período de indefinição canônica das Igrejas, ou mesmo faz parte de sua deliberada e romanceada ampliação das tradições evangélicas, o que o leva a criar eventualmente ditos e atos de Jesus e dos apóstolos.

Em termos de doutrina, o marco parece ser o símbolo romano, mas não há grande precisão. O texto foca muito na prática dos milagres e reduz o espaço das discussões teológicas. O elemento encratista e a ascese, que invariavelmente levam os protagonistas dos *Atos Apócrifos* ao conflito com a sociedade, e, finalmente, à morte, parecem ser derivados de um ambiente em que o cristianismo ainda é uma religião perseguida pelo Império Romano e, conseqüentemente, manifesta o desejo de romper com suas estruturas familiares e sociais.

É nesse sentido que Piñero e Del Cerro argumentam que o autor de AAP foi um “representante do catolicismo médio-popular que devia imperar nos finais do século II e começo do século III”.⁵ É possível falar ainda que

⁵ PIÑERO, Antonio; DEL CERRO, Gonzalo (orgs.). *Op. cit.*, p. 505.

ele foi uma figura envolvida com uma comunidade eclesíastica, estudioso dos textos sagrados do cristianismo, conhecedor da filosofia de base platônica de sua época, com formação retórica, mas não muito ciente da história de Roma, já que Pedro, seu protagonista, dirige-se para Roma pouco mais de dez anos após a morte de Jesus, momento em que, segundo ele, já reinaria o imperador Nero (imperador de 54 d.C. até 68 d.C.).

Como muitos outros homens e mulheres de seu perfil social, deveria conhecer bem a língua latina e o grego. Mesmo assim, escrevendo da Ásia, a obra original foi escrita na língua de Homero.

1.4 POR QUE A ESCREVEU

A leitura do texto, por si só, já indica ao leitor que o texto não pretende ser um tratado doutrinário, e sim uma novela cristã com fins de edificação. Neste romance cristão antigo, por meio das aventuras e desventuras do apóstolo Pedro, e das viagens, perigos e confrontos, o autor apresenta o desenvolvimento das comunidades em função das conversões, o encantamento com o mundo do milagre, o humor curioso de situações inusitadas como a ressurreição de um peixe defumado ou o cachorro que anda em duas patas e proclama o Reino de Deus.

No interior desses elementos, é possível discernir uma comunidade de leitores que se reúne nas casas, cen-



trada nas orações, nos encontros litúrgicos e algum tipo de ascese geral. Esse parece ser o público geral dos AAP. É difícil imaginar que uma obra deste porte, neste período, tivesse um destino privado ou doméstico. É uma comunidade cristã que o texto quer edificar.

Talvez seja possível indicar também a grande preocupação social da narrativa, ao tratar com muita insistência da temática das viúvas e pessoas desamparadas, como as muitas figuras que frequentam a casa do rico convertido Marcelo. Há também um tipo de preocupação com relação aos escravos, como se observa no relato da ressurreição de Nicóstrato.

Isso significa que, apesar de a obra ter se inspirado em narrativas encontradas no livro canônico Atos dos Apóstolos, os propósitos de AAP são diferentes. A função religiosa e teológica é distinta. Ela quer menos ensinar, e mais entreter e edificar seus leitores e ouvintes.

1.5 UMA SÍNTESE DO TEXTO

A filha de Pedro

É um curioso episódio, no qual Pedro aparece para curar várias doenças. Ele é questionado, entretanto, sobre o porquê de não ter livrado sua própria filha da enfermidade. Para demonstrar que Deus pode curar quem ele quiser, ele ordena que ela se levante, curada. Mas logo depois, manda que ela volte a se deitar, doente da mesma enfermidade anterior. Então explica para a atônita plateia

que ela ficou assim por causa de uma oração que ele fez no passado. Ela tinha dez anos quando foi levada à força por Ptolomeu. Pedro orou para que Deus a protegesse, e ela ficou paralisada de um lado, sendo devolvida. A conclusão petrina é que ela ficou doente então para o bem dela e de sua família.

A filha do jardineiro

Um jardineiro pede que Pedro cure sua filha. Este ora a Deus e pede o que é útil para todos. Em resposta à oração, a menina morre. O pai, sem compreender o que acontecia, pede sua ressurreição. Ela ressuscita e, pouco tempo depois, foge de casa com um viajante.

Resposta ao pedido de um pai

Um pai pede a ressurreição de sua filha. Pedro lembra que ele se esqueceu de todas as vezes que Deus o ajudou a escapar das dificuldades.

Partida de Paulo de Roma para a Espanha

Choro dos irmãos pela partida de Paulo. Durante a Eucaristia, Rufina, uma adúltera escondida, é paralisada por causa dos seus pecados. Após isso, Paulo faz uma oração pelos irmãos, e caminha com um grupo de notáveis até o porto.

Em função de uma tempestade, entretanto, ele passa três dias pregando aos irmãos, enquanto espera pela melhora do tempo.



Chegada de Simão a Roma

Há uma comoção na Igreja com a chegada de Simão. Este realiza vários prodígios e conquista vários seguidores por meio dessa estratégia. Muitos da Igreja o acompanham. Há grande apostasia.

Pedro é convocado até Roma

Deus convoca Pedro para ir até Roma substituir o apóstolo Paulo. Este parte de Jerusalém doze anos após a morte e ressurreição de Jesus, embarcando num navio em Cesareia. Teon, o capitão, se converte e é batizado no mar. Pouco antes de chegar à capital do Império, Ariston atualiza Teon e Pedro sobre a situação da Igreja. Os três caminham até a cidade, entrando na casa do presbítero Narciso.

Um contato de Pedro com os irmãos de Roma

Pedro faz um discurso, nele trata de aspectos históricos de Jesus e sua morte na Judeia. Em seguida, ouve falar da apostasia de Marcelo, um senador outrora convertido, agora aliado de Simão. Ele faz então uma longa oração na qual ataca o diabo, a quem atribui a responsabilidade sobre tudo o que aconteceu com a Igreja.

Diante da casa de Marcelo

Pedro e vários irmãos seguem direto até a casa de Marcelo, mas não são autorizados a entrar. Simão e os outros se recusam a sair para atendê-lo. Diante disso, ele faz um cachorro falar e o envia com uma dura mensagem

contra Simão diante das pessoas da casa, inclusive o anfitrião Marcelo. Este, arrependido, corre para fora e é recebido por Pedro. No seu discurso de arrependimento, o rico senador declara seu erro, e solicita o perdão divino.

Imediatamente, surge uma pessoa endemoninhada que, diante do exorcismo de Pedro, quebra uma estátua de César que estava por perto. Marcelo demonstra preocupação com o destino da estátua, e é orientado por Pedro a restaurá-la ao seu estado original por meio da aspersão de água.

Enquanto isso, ainda no interior da casa, o cachorro falante lança uma maldição sobre Simão e retorna até Pedro. Ao concluir sua missão, ele morre, aparentemente castigado por ter falado mais do que Pedro havia ordenado.

Diante destes prodígios iniciais, algumas pessoas solicitam a Pedro mais um milagre para que creiam em sua pregação do Deus vivo. É nesse instante que o apóstolo pega um peixe defumado, lança-o numa pequena piscina e o faz reviver. Por fim, o próprio Marcelo expulsa Simão de sua casa.

Na casa do presbítero Narciso

Ao ser expulso da casa de Marcelo, Simão corre até onde Pedro se encontrava, na casa de Narciso. Pedro, porém, se recusa a falar com ele e envia uma mãe e seu bebê para confrontar o mago. A mãe, entretanto, deve ficar calada, e deixar seu filho, de apenas sete meses, falar com Simão, com voz forte e varonil, ordenando-o que saia de



Roma e só retorne no próximo sábado para um confronto diante de várias testemunhas no Foro Júlio. Pedro ainda é encorajado em sonho por Jesus.

A história de Eubola

Pedro conta aos irmãos a história de Eubola, uma mulher rica de Jerusalém, que fora enganada e roubada por Simão, para explicar para a comunidade por que ele teria fugido da Judeia.

As anciãs cegas

Junto com vários irmãos, Pedro visita a casa de Marcelo, onde promove a cura de uma anciã à porta, devolvendo-lhe a visão. Já no interior da casa, discursa diante de todos, lembrando-se do episódio da transfiguração de Jesus. Após uma epifania de luz branca, outras anciãs cegas igualmente voltam a enxergar, após contemplarem a figura de Jesus em distintas formas.

Enquanto aguardam o dia de sábado, ocasião do debate no Foro Júlio, Marcelo tem uma visão do demônio que promove as ações e prodígios de Simão.

Debate no Foro Júlio

Finalmente, no dia combinado, Pedro e Simão comparecem diante de um magistrado e de várias pessoas para um confronto de palavras e milagres. Simão ataca Jesus, o Senhor de Pedro, reputando-o como um simples judeu condenado à morte. Pedro ataca a moral de Simão,

lembrando que ele tentou comprar o poder do Espírito e roubou Eubola em Jerusalém.

Mais do que palavras, porém, o que as pessoas querem ver é milagre. E então vários deles se sucedem. Desafiado pelo magistrado, Simão mata um servo, falando ao seu ouvido. Já Pedro, ressuscita-o a distância. Em sequência, dois outros filhos de viúvas são trazidos à vida. Quando Simão fracassa em fazer o mesmo milagre, Pedro é declarado vencedor do duelo.

Ajuda aos pobres

Novos milagres são realizados por Pedro para ajudar viúvas e outras pessoas com necessidades da comunidade. Crisé, uma mulher rica e adúltera, doa muito dinheiro para o apóstolo. Este o recebe para usar com os pobres.

O destino de Simão

Mesmo derrotado no Foro Júlio, Simão continuou exercendo *performances* em Roma, mas com pouca recepção. Por isso, ele promete realizar um ato grandioso, no qual voaria sobre a cidade diante de todos. No momento específico, ele começa seu voo, mas, diante da prece de Pedro, caiu no chão e quebrou a perna. Humilhado, foi expulso da cidade, e morreu em Terracina, a caminho do Oriente.

A pregação da castidade

A pregação de Pedro sobre a castidade leva mulheres importantes a se afastarem sexualmente de seus



maridos. As concubinas do prefeito da cidade, Agripa, e a esposa de Albino, de nome Jantipa, abraçam a abstinência sexual. Albino e Agripa decidem se vingar, condenando Pedro à morte.

Quo vadis?

Pedro é aconselhado a deixar a cidade, mas, enquanto a deixa, experimenta uma visão na qual o próprio Jesus está chegando a Roma. Ao perguntar a Jesus para onde ele vai (*Quo vadis?*), ele ouve do Senhor que entra em Roma para ser crucificado de novo. Diante da visão, Pedro desiste da fuga e retorna para os irmãos, apenas para ser preso e condenado à morte por crucificação.

A crucificação de Pedro

Pedro se aproxima da cruz e entoia um louvor ao mistério da cruz. No momento da crucificação, porém, solicita que o crucifiquem de cabeça para baixo. Por fim, faz um último discurso, já pendurado no madeiro, e morre.

Após a morte de Pedro, Marcelo o enterra com esmero. À noite, entretanto, foi repreendido em visão por Pedro, em função do requinte do seu funeral.

Conclusão da obra

A conclusão da obra traz para a história a figura de Nero. Ele queria ter participado da morte de Pedro, e ainda manifesta o desejo de perseguir a Igreja de Jesus

em Roma. Em sonho, entretanto, é alertado para deixar os irmãos em paz. Com isso, a narrativa termina em tons alegres, com a comunidade vivendo com tranquilidade sua fé em Jesus Cristo.

1.6 ALGUNS TEMAS EM DESTAQUE

O papel das mulheres nas comunidades

Normalmente, a relação entre os AAP e as mulheres leva em conta o que se diz também sobre as novelas gregas, em função de semelhanças literárias e nas condições de emergência. Como argumentou Jan Bremmer, as novelas gregas e os *Atos Apócrifos* pertencem a um mesmo universo literário, falam uma mesma linguagem narrativa,⁶ com a presença de muitas mulheres como protagonistas e figuras dignas de serem imitadas.

Isso levanta a questão do papel das mulheres nas comunidades de destino dos AAP, e até que ponto o texto foi escrito tendo-as como público. Provavelmente, pelo menos até o imperador Constantino, as mulheres eram presença majoritária entre os grupos cristãos, mesmo das classes mais altas. Por isso, Bremmer argumenta que esse público feminino deve ter constituído parte significativa, senão a maior parte, do destino idealizado e concreto dessas narrativas de Pedro.⁷

⁶ BREMMER, Jan N. "The Apocryphal Acts", *op. cit.*, p. 165.

⁷ *Ibid.*, p. 167.



Assim, mesmo que não haja evidências suficientes para argumentar que o autor seja uma mulher, é possível supor que as mulheres seriam as principais leitoras ou ouvintes dos *Atos Apócrifos*, ou de novelas gregas, especialmente no contexto da Ásia Menor e Egito, local de produção da maior parte desses textos.

A crítica que Tertuliano fez aos *Atos de Paulo e Tecla* indica que, em Cartago, pelo menos algumas mulheres da cidade leram a história, e a usavam como base para o argumento de que mulheres também poderiam batizar. Isso significa que uma leitura atenta dos AAP pode ser um bom acesso ao papel histórico e cultural das mulheres nas comunidades cristãs no final do século II.

A idealização do martírio

Os cinco grandes *Atos Apócrifos* (André, João, Pedro, Paulo e Tomé) contam histórias de viagens, aventuras e pregação dos apóstolos. Apesar de apresentarem conteúdo relativamente peculiar quando se compara um com o outro, seus autores não tiveram dúvida a respeito de como terminar a obra. Em todos eles, o herói da obra, o apóstolo, depois de vencer seus adversários em debates públicos, e de ter realizado prodígios impressionantes e curiosos, encerra sua missão com a própria morte. Em apenas um caso, nos *Atos Apócrifos de João*, o apóstolo morre tranquilamente. Ele pede que sua cova seja aberta, deita-se nela, tranquilamente, e morre. Nos outros quatro *Atos*, a morte do apóstolo é fruto de perseguição por parte

de uma sociedade violenta. Tomé foi morto pelas lanças de quatro soldados ao mesmo tempo (ATm 168) e Paulo foi decapitado. E nos casos de André e Pedro, os apóstolos morreram numa cruz.

Uma análise da morte de André e Pedro nos seus respectivos Atos, entretanto, consegue demonstrar que, mesmo que a morte dos apóstolos seja uma morte violenta, ela não é experimentada assim pelo herói. A cruz era um instrumento de suplício. Seu papel não era somente promover a morte de um criminoso, mas fazê-lo sofrer muito antes que viesse a morrer. Ela tem duplo papel: torturar e matar. Talvez um terceiro ainda possa ser mencionado: humilhar. Afinal, a crucificação era um ato público. Uma coisa é matar um criminoso em um ambiente fechado. Outra é matá-lo diante de muitas pessoas.

O papel da cruz não mudou nem o seu efeito sobre as pessoas condenadas a experimentá-la. Isso significa que a simples menção do termo *cruz* poderia provocar terror. Mas não é isso que se vê nos AAP. O episódio da morte de Pedro correu como peça autônoma durante a história da transmissão textual do AAP, como o fato de ter sobrevivido em uma versão grega poderia demonstrar.

A morte de Pedro se dá por causa da pregação da castidade, quando mulheres importantes da cidade de Roma se afastam sexualmente de seus maridos. Quando a ameaça de morte aparece para o apóstolo, ele é aconselhado a deixar a cidade, o que inicialmente faz. Mas, ao passar pela porta de Roma, foi surpreendido com a entrada do





próprio Jesus. Após o famoso episódio *Quo vadis?*, Pedro percebe que uma nova crucificação de Jesus aconteceria por meio da sua própria crucificação. Em outros termos, em cada mártir, Jesus é crucificado de novo.

Ele desiste da fuga e retorna para ser preso e condenado. A descrição da crucificação não é tão longa. Pedro se aproxima da cruz e entoia um louvor ao mistério da cruz. De forma absolutamente tranquila, solicita aos soldados que o crucifiquem de cabeça para baixo. Ali, naquela posição, ele também aproveita para fazer um último discurso para uma audiência volumosa. Depois disso, faz uma oração final, e morre.

Na morte do apóstolo, porém, não há manifestação alguma de dor. Ele não sofre. Ele se alegra com a cruz. A alegria é tanta que ele canta para ela. Não há corpos perfurados, maltratados, dilacerados. A lucidez do apóstolo, mesmo após a crucificação, é tamanha que ele aproveita o momento para pregar a respeito de seus temas preferidos, a fugacidade da vida material. André, em seus respectivos *Atos Apócrifos*, tem força para pregar durante três dias e três noites. Pedro não prega tanto, mas ainda o faz, apesar de estar de cabeça para baixo.

Esse tipo de narrativa poderia ser indício de algum tipo de autorrepresentação das comunidades de destino desses textos. Manifestariam, assim, uma comunidade que entende que não há nada que seus adversários possam fazer com eles. Eles são imunes à dor e à tortura. Eles ainda podem ser mortos, mas sua morte é a máxima ex-

pressão de fidelidade ao seguimento de Jesus. Se Jesus morreu, por que eles não morreriam também?

Como Perkins demonstrou, as narrativas estão cheias de prodígios. Pedro faz milagres e prodígios que impressionam as cidades por onde passa. Ele ressuscita diversas pessoas durante sua estadia em Roma. Mas não faz nada para impedir sua morte. Em duas cenas iniciais dos *Atos de Pedro*, encontramos o paradoxo da enfermidade. Pedro cura várias pessoas da cidade, possivelmente Jerusalém, mas não cura sua própria filha (cf. 1.5). Diante de uma plateia confusa, ele a cura, apenas para logo depois devolvê-la para a enfermidade, com a explicação de que isso era útil para as vidas dela e de seus pais. O mesmo se dá no episódio da filha do jardineiro. Após orar para que Deus fizesse para a menina aquilo que fosse útil, ela morre. Seu pai, inconformado, pede que ela ressuscite. Pedro realiza o prodígio e ela volta a viver, apenas para fugir com um estranho algum tempo depois. A ética da história é que sua morte era o melhor para ela e para seus pais.

Essas narrativas dão indício de uma comunidade que se entende portadora da vida, mas não tem medo da morte. Uma comunidade que se descreve como canal de cura das enfermidades, mas que também pode encontrar sentido no sofrimento. Essa comunidade achou *nomos* na dor e na morte, e ao assim fazer, não só perdeu o medo do sofrimento, como também passou a desejá-lo. As autoridades romanas não demoraram a perceber que quanto mais tentavam destruir os grupos cristãos, mais eles se multiplicavam.





Escritores como Tertuliano, no mesmo período histórico de produção dos AAP, entendiam que o cristianismo crescia impulsionado pelo sangue de seus mártires. O teólogo africano cartaginense escreveu que quanto mais cristãos morriam pelas mãos do Império, mais pessoas se tornavam cristãs. Por isso, no final de sua Apologia, ele desafiou os magistrados: “Torture-nos, atormenten-nos, condene-nos, esmague-nos”. Porque, segundo ele, *semen est sanguis Christianorum* (“o sangue dos cristãos é semente”).⁸

Se as datas sugeridas para estas obras estiverem corretas, um número muito grande de cristãos morreu nas grandes perseguições anteriores à chegada de Constantino ao poder. As comunidades foram marginalizadas, discriminadas e, eventualmente, perseguidas, mas passaram a usar a marginalização, a discriminação e a perseguição como elementos de construção e definição de identidade. É uma ação descrita por Janos Bolyki como inversão de mundo. Os valores majoritários da sociedade romana, como riqueza, saúde e bem-estar são invertidos e desprezados por essas comunidades. Num clamor que aparece de forma programática, especialmente em narrativas populares, a comunidade descreve sua autocompreensão e seu papel no mundo, abraçando valores como fraqueza, pobreza e sofrimento.

⁸ TERTULIANO. *Apologeticus* 50, 12, 14. Citado a partir de TERTULIANO. *Apologeticus*. Cambridge: Harvard University Press, 1977, p. 227.

As comunidades constroem seus heróis para estabelecer modelos de vida e conduta. Os heróis das comunidades leitoras dos *Atos Apócrifos* são seguidores poderosos de Jesus, mas que aceitaram voluntariamente o caminho do sofrimento e da morte. Ao promover esse tipo de herói, esses textos se tornam afirmação de identidade individual (subjetividade) e definição de identidade social (comunidade).

